

## PARA UMA FILOSOFIA DO ATO: UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE BAKHTIN

Poliana Ferreira Santos<sup>1</sup>

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

A obra “Para um a filosofia do ato responsável” (PFA) foi publicada pela primeira vez em 1986 e nela Mikhail Bakhtin apresenta um texto visivelmente inacabado e um tanto complexo e enigmático. Embalado pela toada filosófica e partindo de uma crítica explícita ao teoreticismo, o ensaio parece constituir o projeto embrionário de uma gama de conceitos que serão aprimorados paulatinamente ao longo de sua obra e que se tornam basilares para pesquisas em diferentes áreas. Na realidade, no livro, ainda que na forma de um “rascunho”, de um projeto incompleto, Bakhtin deixa entrever a trajetória teórica de sua vasta obra posterior.

Antes de iniciar, vale ressaltar que esta resenha é um texto bastante limitado para tratar da complexidade das ideias teóricas discutidas no livro e nem mesmo tem esse propósito. Procuramos apenas passar pela obra tentando destacar alguns conceitos que permeiam todo o itinerário teórico do filósofo russo.

O livro é dividido em duas partes, uma introdução que apresenta alguns percursos para o desenvolvimento de conceitos que o autor pretende esmiuçar na sequência; e uma primeira parte, em que Bakhtin começa a descrever a dinâmica de uma arquitetura do mundo e de seus aspectos fundamentais. No entanto, ao que parece, o filósofo pretendia produzir mais três partes do livro, como ele antecipa na introdução (BAKHTIN, 2010, p.115): atividade estética como ação e a ética da criação artística (parte 2); ética da política (parte 3); ética da religião (parte 4).

Na introdução, o filósofo anuncia a existência de dois mundos na fronteira dos quais se realiza o que ele denomina “ato ético”: o mundo da cultura, percebido como abstrato, possível, repetível e gerido por uma ordem, esse vincula-se ao conhecimento teórico, filosófico e

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo – São Paulo - Brasil. Mestranda em Estudos Linguísticos com ênfase em Análise do Discurso pela UNIFESP. É graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (2013) e pós-graduada em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa (2015), com projetos nas áreas de Educação e Linguística. Atualmente é Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de São Paulo. ORCID <<http://orcid.org/0000-0003-2862-2357>>. E-mail: santospoliana19@yahoo.com.br.

científico, o qual não considera a singularidade, a participação única e intransferível de cada ser no mundo, mas caracteriza-se pela imparcialidade; e o mundo da vida, concebido como real, concreto, singular e irrepitível, sendo tal vivência constituinte do espaço no qual se constroem as identidades, esse mundo alia-se à dimensão moral.

O autor concentra-se no mundo da vida e nas relações estabelecidas a partir dele (inclusive com o “mundo da cultura”), desenvolvendo reflexões importantes para a construção de uma “filosofia moral”, já que, “uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. Só se pode compreender a vida como evento, não como ser dado” (BAKHTIN, 2010, p.117). Segundo Bakhtin, essa filosofia ainda não havia sido constituída de modo a dar conta da complexidade da relação arquitetônica e do ato.

É no limiar desses mundos, da cultura e da vida, que se concretiza o ato ético, que implica a eventicidade e a singularidade do ser no mundo, atribuindo a ele uma responsabilidade em relação ao seu próprio existir moral, de acordo com Bakhtin (2010, p. 21) “cada pensamento meu, junto com seu conteúdo, é um ato ou ação que realizo [...] eu realizo, isto é, executo atos com toda minha vida, e cada ato particular e experiência vivida é um momento constituinte da minha vida”. Portanto, o pensar é um ato concreto a partir do qual constitui-se a vida moral e ética.

Esse movimento do pensamento que caracteriza o ato pressupõe dois momentos indispensáveis: o do conteúdo e o do histórico-social (as circunstâncias e o momento de realização). Percebe-se aí a gênese de uma concepção de sujeito como inserido sócio historicamente em uma realidade concreta, o que faz com que os sentidos construídos para o próprio ato ético sejam reféns dessa condição social e histórica.

É essa concepção de sujeito constituído por suas vivências e as relações que ele estabelece com o outro e com o mundo que o torna único, insubstituível, já que cada um pensa, sente, vê e existe de uma maneira singular e um mesmo evento significa de modo diferente para cada sujeito. No entanto, é importante destacar que o sujeito, para Bakhtin, não é tomado de forma psicologizante, individualista, mas sim de modo consciente e inserido sócio e historicamente, o único capaz de concretizar o ato ético e responsável. Na perspectiva do autor, “o ato se desenvolve e vive em um mundo que não é psíquico” (BAKHTIN, 2010, p. 57), mas em um contexto real no mundo vivido.

Por essa orientação sócio-histórica da qual dispomos como sujeitos, somos levados, de acordo com Bakhtin, à impossibilidade de não pensar, ou seja, a “necessitância”, como define Amorim (2009), de realizar o ato ético. A partir de sua singularidade, o sujeito, no pensamento, toma parte da universalidade, porém é projetado no mundo sem alibi, ou seja, seu pensar não

pode ser pensado por mais ninguém. Nessa perspectiva, “somente o ato de pensar pode ser ético, pois nele que o sujeito é convocado” (AMORIM, 2009, p. 22), ou seja, somos convocados pela ética a assumir a responsabilidade de nossa própria unicidade, de forma não indiferente, a partir do nosso pensamento participante. Guiados por essa noção, podemos compreender o ato tratado por Bakhtin como um pensamento ativo diante da realidade em que estamos inseridos e diante do outro, como um dever que só um sujeito pode cumprir a partir da sua singularidade no mundo.

O autor apresenta ainda, articulada à reponsabilidade ética do ato, a noção de evento, expondo-o em sua singularidade e seu caráter irrepitível. Para Bakhtin, é no evento que se dá a instauração do ser no mundo, o sujeito não só presencia, mas experimenta e vive o evento, o que pressupõe um engajamento com a realidade e não uma postura passiva com relação ao mundo.

Em PFA, Bakhtin (2010, p. 84) estabelece ainda uma relação do evento do ato com a linguagem, afirmando que “historicamente, a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato”. A partir da concepção do evento e de sua relação com o ato e com a linguagem, é possível estabelecer um vínculo com a ideia bakhtiniana de enunciado concreto, conceito desenvolvido posteriormente pelo autor e definido como “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2015, p. 274), considerando-o como um evento, já que se caracteriza também por sua irrepitibilidade e por constituir uma atitude responsiva em relação ao mundo. Essa reflexão nos permite compreender o discurso como um ato concreto e situado.

Outro elemento que ganha destaque no legado bakhtinano e se mostra incipiente em PFA é a questão do “outro”. A relação de alteridade: *eu para mim, o outro para mim, eu para o outro* aparece como constitutiva do próprio ato e pressupõe uma compreensão responsiva e responsável do sujeito. A impossibilidade de ignorar a questão axiológica indica que é na fronteira desses centros valorativos que se estabelecem as relações.

Para Bakhtin, o eu e o outro constituem-se como duas realidades concretas que se encontram situados em um mundo vivido, real. É a partir dessa relação com o outro e de seu caráter responsivo que se configura a arquitetura na qual o ato ético se concretiza. Nessa relação, cada um é participante na sua singularidade, na unicidade do seu existir. Portanto, o outro não é um ser genérico, mas um sujeito constituído sócio e historicamente e inserido em um contexto real e que, assim como eu, ocupa um lugar próprio, sem alibi.

Nessa perspectiva, ao inserir-se em uma realidade concreta, o sujeito entra em relação com a realidade e com o outro estabelecendo com eles um vínculo emotivo-volitivo, no qual o

ato ético se faz dotado de valores. Essa relação valorativa estabelecida com o outro e com o mundo vai sendo esculpida ao longo dos textos de Bakhtin, e o caráter axiológico que permeia todos os aspectos da vida torna-se peça chave na concepção dialógica que ele constrói da linguagem. Para o filósofo russo, até a própria realidade não é o real em si, mas a concepção do sujeito valorada dele.

É possível afirmar, então, que a realidade só existe para o sujeito a partir desse tom emotivo-volitivo que se estabelece na sua relação com o mundo e com o outro, por isso, o sujeito se torna um centro de valor e toda sua relação com a realidade é significada a partir da sua valoração, ou seja, “a experiência no mundo humano, do mundo postulado (*zadan*) é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido, a partir do mundo dado (*dan*), o mundo enquanto materialidade concreta” (SOBRAL, 2009, p. 124).

De acordo com Bakhtin (2010, p.102), “o existir isolado do centro emotivo-volitivo único da responsabilidade é somente um rascunho, um documento não assinado”, portanto quando eu não insiro minha assinatura, minha marca, minha singularidade, eu não realizo o ato ético e não vivo a minha singularidade no mundo.

Essa noção é exemplificada na denominada “Primeira parte” do livro, em que Bakhtin analisa o mundo da visão estética a fim de descrever o projeto de uma arquitetura real com base no sujeito dotado de valores pelos quais o mundo é significado. Para tanto, o autor analisa um poema russo (*Rzlua*, de Pushkin) que tem como temática a separação de um casal. Ao analisar o poema, Bakhtin demonstra como o evento é significado de maneira diferente quando relacionado ao centro valorativo de cada personagem. Partindo desses dois mundos concretos dos personagens, o filósofo expõe como a vida só é experimentada de fato por meio do posicionamento e da valoração do sujeito.

No poema analisado, Bakhtin nos deixa ver como o lugar único de cada um dos personagens no mundo é indispensável para a significação de valores comuns, como, por exemplo, o evento da partida da personagem para a Itália. Tal evento, em uma realidade universal, genérica, não valorada, pode ser apenas um acontecimento qualquer, partidas acontecem o tempo todo. No entanto, a partir do momento que essa partida é valorada pelo sujeito a partir da sua singularidade, do seu existir único, o evento se situa concretamente e passa a significar. Como o autor retrata no texto, tal significação difere, então, de acordo com o lugar de cada sujeito no mundo, ou seja, a partida para mim significa diferente da partida para o outro.

Nesse sentido, o filósofo russo nos mostra, em PFA, a necessidade não só de existirmos no mundo da vida, mas da responsabilidade do ato ético que é intransferível, que só eu posso

realizar, com meu pensamento participante nas relações sociais, políticas, humanas que estabeleço com o mundo e com o outro.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-44.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. **Revista Bioetikhos**, v.3, n.1, p. 121-126, 2009.